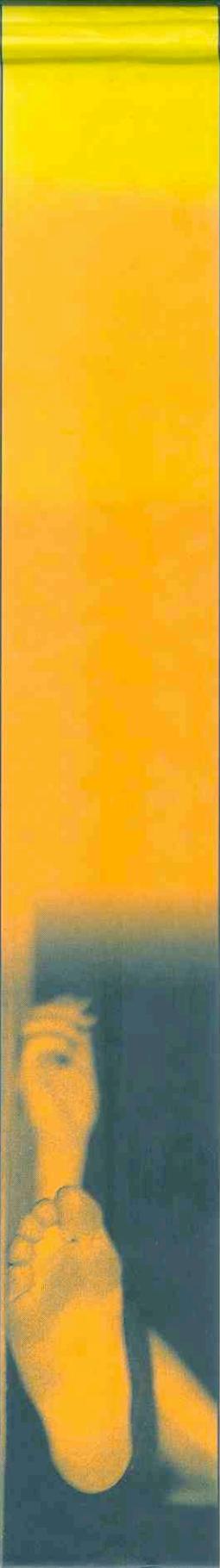


Coreografia de uma década



O Panorama RIOARTE de Dança / Adriana Pavlova e Roberto Pereira

RIOARTE / Editora Casa da Palavra

Copyright © 2001, Adriana Pavlova e Roberto Pereira.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem a expressa anuência da editora.

Pesquisa iconográfica
Leonel Brum

Projeto gráfico e diagramação
Eclips Design

Capa
Tiago Rodrigues de Castro

Produção executiva
Gustavo Lacerda

Produção editorial
Casa da Palavra

C A S A D A  P A L A V R A

Praça Floriano, 55, sala 1.103, Cinelândia, Rio de Janeiro, RJ
cep 20031-050 (21) 2220 5252 / 2215 2382

canal **C**ontemporâneo
canal@canalcontemporaneo.art.br

As fotografias que integram este livro foram gentilmente cedidas à editora pelas companhias de dança.

Pavlova, Adriana e Pereira, Roberto.

Coreografia de uma década : a história do Panorama RioArte de Dança /
Adriana Pavlova, Roberto Pereira; texto de apresentação Ricardo
Macieira. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2001.

160 p. : il. pb., 23 x 23 cm.

ISBN 85-87220-41-1

1. Dança contemporânea. I. Pereira, Roberto e Pavlova, Adriana. II. Título.

CDD 793.3

Quem não é inferno no inferno

Antigamente, existiram as cidades-mundo. Veneza, no século XVI, Amsterdã, no século seguinte, e depois, Londres. Delas emanavam as regras e os compassos da economia e da cultura. Agora, vivemos num arquipélago de cidades conectadas, numa rede onde poucos primeiros mundos estão cercados de vários terceiros mundos por todos os lados. Nessa nova configuração, o que conta são os fluxos, a circulação — canais alimentados sobretudo pela economia que os criou e pelas ainda chamadas “novas tecnologias”.

A sobrecarga de informação que ainda nos assusta pela velocidade e variedade promove relacionamentos de outra qualidade. Viver num mundo que parece ter se tornado a nossa casa, dadas as conexões que nos fazem estar presentes simultaneamente em lugares distantes e distintos, não significa habitar um cotidiano de onde as diferenças desapareceram. Continuamos sempre sendo estrangeiros em relação a algo e a alguém. E quando se pratica a multidirecionalidade como norma, a comunicação se torna uma questão importante.

Luhmann fala da comunicação de uma maneira curiosa, pois diz que nós não nos comunicamos, não dispomos desta faculdade porque apenas a comunicação pode comunicar-se. Para ele, humanos são organismos vivos fundados em células, formas que se auto-organizaram no processo da evolução da vida.

Evidentemente, a vida não existe sem organização molecular da matéria. Habitualmente, identifica-se apenas o domínio do simbólico como o fundamental para a comunicação, mas vale lembrar que há uma instância anterior que dá partida na possibilidade de comunicação: a capacidade de estabelecer diferenças — aptidão que se exercita através do contato com o que não se conhece e que não prescinde de uma prática continuada. Humanos tendem a se apegar ao que os cerca e a transformar essa miniatura de mundo numa representação do mundo inteiro. Daí a necessidade de estímulos que nos lembrem que o que parece não é, ou seja, o mapa, mesmo o maior deles, nunca cobre o território inteiro.

Sabemos que a manutenção da diversidade representa um compromisso necessário para a nossa sobrevivência, mas nem sempre lembramos que o alcance dessa prescrição nos inclui. Diversidade se alimenta dos fluxos plurais que circulam por uma variedade de canais. E variedade e plural, nesse caso, não devem ser entendidos como multiplicação do conhecido, mas exatamente o contrário, ou seja, a inclusão do outro, daquilo de que não se tem referência.

Para os urbanistas do Iluminismo, cabia aos espaços encorajar as atividades aeróbicas, porque o mover-se livremente significava sentir-se confiante. O que há de mais precioso nessa postulação é a ligação entre o espaço físico e seus efeitos sobre o corpo — confirmada depois pelo entendimento da evolução formulado por Charles Darwin e seus desdobramentos.

Quando tomada como um destes espaços capazes de estimular a livre circulação da informação, a cultura se transforma numa estratégia de conquista de autonomia, daí a sua relevância na questão das políticas públicas. Eventos culturais que ganham estabilidade tendem a operar nesse sentido. Vão provendo seus usuários de informações que se tornam verdadeiros passes livres, capacitando-os para a sua autonomia intelectual, que significa não apenas sobrevivência, mas sobretudo liberdade em atuar como cidadãos críticos e seletivos. Quem buscar pelo ambiente pré-Panorama e compará-lo com o de hoje, perceberá que o aumento da presença da dança contemporânea no Rio de Janeiro deve algo à capilaridade Rio-Brasil-mundo continuamente implementada nos dez primeiros anos da sua existência.

Como se sabe, as cidades dos mortos, que nasceram como santuários de encontros, antecederam as cidades dos vivos. Curiosamente, na cidade que é pura exterioridade, essa na qual vivemos, alguns eventos conseguem abandonar a transitoriedade da natureza de ser um evento para instaurar-se como esse santuário, espaço de reverência e celebração.

O Panorama da Dança Contemporânea, que agregou um RioArte a seu nome em 1997, esboça gestos de renovação da dança. É uma forma de combate aos efeitos da lógica cultural do capitalismo tardio que, segundo Frederic Jameson, colonizou a Natureza e o Inconsciente. Transforma cada edição sua numa batalha na qual redesenha o *rosto incerto da dança*. *A vertigem das mudanças velozes não o assusta, antes o alimenta e estimula a colaborar para* que a des-historização que caracteriza nossa época não finque suas raízes neste seu objeto — a dança. Assim, conta uma história das muitas histórias possíveis da relação da dança com uma cidade e dessa cidade com as outras, e nisso, das danças dessa cidade com as danças das outras também. Lembrar do que realizou nesta sua primeira década comprova que apenas a educação pode ter alguma valia contra os sistemas de dominação.

Na verdade, trata-se de um organismo. Como o Panorama se moveu, o que viu e ouviu, os cheiros que sentiu, do que se alimentou, o que tocou, seus hábitos de comportamento — como qualquer outro corpo vivo, também esse põe a nu aquilo de que é feito a cada vez que aparece ao mundo. A atitude de recompor a sua imagem, intencional pelo projeto deste livro, pode resultar num diagnóstico precioso, capaz de recuperar a multidimensionalidade dos trânsitos culturais que tanto o teceram como foram por ele tecidos. A perspectiva da ação de mão dupla não pode ser perdida, sob o risco de desfigurar a idéia de história aqui presente.

Organismos são incrivelmente complexos. A teoria darwiniana da evolução, apoiada na seleção natural, nos ensina que os mais aptos a sobreviver e reproduzir se dedicarão a transmitir essa sua habilidade a seus descendentes.

Trata-se de uma idéia extremamente poderosa e delicada, que entende que o que mais importa está na hereditariedade de aptidões e não nos traços que são transmitidos.

Quando os átomos que compõem a coisa não são parte permanente da sua estrutura, mas retirados do em-torno, combinados aos componentes químicos internos do organismo e novamente exportados ao meio ambiente, formam um metabolismo. De modo geral, é o metabolismo o que explica a diferença entre vivos e não-vivos. E os vivos portam as propriedades de se multiplicar, de variar e de promover a hereditariedade — aquela, a de continuar a transmitir as aptidões conquistadas.

A literatura de divulgação científica sobre evolução dedica um espaço importante para a discussão entre os biólogos Richard Dawkins e Stephen Jay Gould/Niles Eldredge. Gould e Eldredge acreditam que a evolução de uma espécie pode mudar muito rapidamente num curto espaço de tempo e, em seguida, permanecer sem mudar por longos períodos (daí chamarem esta proposta de “equilíbrio pontuado”). Dawkins ataca essa hipótese apresentando a evolução como um processo gradual, sem explosões exuberantes.

Aceitando-se a hipótese de Dawkins, o Panorama se mostra como aquilo que liga o tempo que o antecedeu ao que viria a dar nascimento. Seria um organismo por onde a dança expressaria as suas necessidades de sobrevivência. Que, então, como se viu e vê, não pôde abrir mão das conexões com o ainda não conhecido. Ao trazer artistas que praticam uma dança diferenciada daquela que inunda as mídias convencionais e ao propor formas novas de tratamento da dança como informação, o Panorama demonstrou que havia tanto um espaço para esse seu entendimento quanto público à espera desse alimento.

Para que as cidades em que vivemos não se homogeneizem ao ponto da desfiguração, o arquiteto Rem Koolhaas sugere a instalação de territórios que favoreçam hibridações e redistribuições, interdependências e contaminações. Marco Polo respondeu a Kublai Kahn, no livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, que o inferno dos vivos é aquele que vivemos todos os dias e que existem duas maneiras de não sofrer nele: aceitar fazer parte até deixar de percebê-lo ou tentar descobrir quem não é inferno no meio do inferno.

Todos os outubros, acontece a colheita. O espaço para a preservação e a sobrevivência se refaz. E o Panorama continua a nos ensinar a reconhecer quem não é inferno no meio do inferno.

Helena Katz